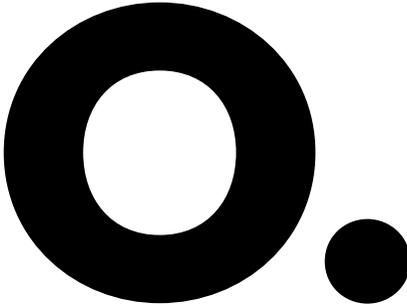






O.

Seleção, apresentação e tradução
Jayme da Costa Pinto



HENRY

CONTOS

CARAMBAIA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **6**

CONTOS

Man about town ou enquadrando o savoir-faire **21**

Primavera à la carte **31**

A visão da boleia **43**

Uma história inacabada **53**

65 A vida amorosa de um corretor da bolsa

73 Aluga-se quarto

87 A reabilitação de Jimmy Valentine

103 A namorada gastadeira

Dois cavalheiros e o Dia de Ação de Graças **115**

O pêndulo **127**

Um cosmopolita no café **137**

149 A última folha

161 A receita perdida

173 De passagem pela Arcádia

O alegre mês de maio **185**

O conde e o convidado das bodas **197**

O perfil encantado **209**

223 Uma tragédia no Harlem

235 Nasce um nova-iorquino

UM ESCRITOR DE FINO TRATO

Jayne da Costa Pinto

Na Nova York do início do século XX, um lugar-comum dizia serem 400 as pessoas que realmente importavam na cidade. Ao publicar sua segunda coletânea de contos, em 1906, O. Henry fez constar uma nota de abertura em que dizia preferir acreditar no responsável pelo censo, que estimava a quantidade de almas locais em 4 milhões. O autor adotaria, assim, o cálculo oficial como base para falar da grande variedade de interesses humanos que compõem as histórias do livro, batizado então de *The Four Million*.

Nessa época, O. Henry já era reconhecido com um dos principais contistas americanos de sua geração e deixava claro, nesse brevíssimo manifesto, que a matéria-prima da sua ficção naquele momento eram a cidade

e seus habitantes, de modo amplo e irrestrito. Garçons, vendedoras de lojas de departamentos, mendigos, malandros, casais enamorados, casais cansados, velhos, jovens, nenhum tipo o desinteressava.

The Four Million deu a partida para os dois lançamentos seguintes, *The Trimmed Lamp* (1907) e *The Voice of the City* (1908), em que Nova York segue servindo de palco para os pequenos dramas e comédias da vida cotidiana descritos por O. Henry. vielas e avenidas, botecos e hotéis estrelados, becos escuros e praças iluminadas são também personagens e emolduram os tipos que o autor observava em suas andanças pela cidade, notadamente em suas estratégicas paradas em bares e restaurantes. Charles Alphonso Smith, professor de literatura americana e biógrafo de O. Henry, diz que o autor classificava os cabarés de Nova York com o mesmo zelo e meticulosidade que um cientista organiza insetos ou uma bibliotecária separa livros. Desse privilegiado ponto de vista, a mesa de bar, O. Henry logo percebeu que Nova York encapsulava um mundo em si mesma, revelando-se uma imensa inspiração para um analista de costumes como ele.

O presente volume pinçou histórias principalmente dos três livros citados acima e se pretende, dessa

forma, representativo do período nova-iorquino de O. Henry. Os textos sobre a cidade não se esgotam nos dezenove aqui reunidos – o total beira quatrocentos –, mas podem servir de porta de entrada para outras obras do autor, inclusive apontando para além destas crônicas urbanas: dois anos antes do lançamento de *The Four Million*, em 1904, O. Henry lançara um primeiro volume de contos chamado *Cabbages and Kings*, em que retrata o ambiente letárgico de uma cidadezinha imaginária da América Central. O trabalho é fruto da passagem do autor pela região, no fim do século XIX, onde por seis meses tentou se estabelecer longe das garras da Justiça americana, que estava em seu encalço. Além das histórias de *Cabbages and Kings*, a estada na região caribenha legou também a expressão *banana republic*, cunhada por O. Henry em tentativa de capturar o *ethos* muito particular daquela sociedade – agrária, solar, imprevisível. O conto “A receita perdida”, incluído neste volume, repercute algo dessa temporada tropical.

Mas, antes de chegar a Nova York via Caribe, o autor atendia pelo nome de William Sydney Porter. O. Henry foi o *nom de plume* adotado no tempo em que passou na Penitenciária Federal de Ohio, para onde foi levado

em 1898, acusado de fraude bancária, e emergiu em 1901 como o escritor que viemos a conhecer.

Nascido em Greensboro, Carolina do Norte, em 11 de setembro de 1862, Porter viveu ali até os 3 anos de idade, quando sua mãe morreu e ele foi morar com o pai na casa da avó paterna. Segundo o biógrafo Charles Smith, ele foi um jovem ávido por leitura, tendo sido exposto tanto a clássicos quanto a obras de consumo mais rápido. Porter dizia ter lido tudo que importava até os 19 anos e incluía entre seus favoritos *Anatomia da melancolia*, de Robert Burton, e *Os contos das mil e uma noites*. Aos 17 anos foi trabalhar na farmácia do tio, onde ficou por dois anos e acabou por se tornar técnico farmacêutico, habilidade que se revelou importante mais tarde em sua vida.

Quando completou 20 anos, Porter se mudou para o Texas e trabalhou como ajudante em fazendas até se fixar na cidade de Austin, onde conseguiu emprego como farmacêutico, depois caixa de banco e, por fim, jornalista. Em Austin, sua vida social floresceu. Hábil com o violão e com boa voz para cantar, o futuro escritor logo se juntou ao Hill City Quartet, grupo de jovens que fazia serenatas para as moças da cidade. E assim conheceu Athol Estes, 17 anos mais nova, com quem se casaria

em julho de 1887. Athol foi grande incentivadora da carreira literária paralela do marido. Algumas histórias escritas nesse período, e vendidas a jornais e revistas, tinham por base personagens e tramas desenvolvidas por Porter enquanto trabalhava como desenhista de mapas para o Gabinete de Colonização Rural do Texas e, mais tarde, como caixa e contador do First National Bank. Mas em 1894 a maré começou a mudar para o jovem bancário das letras. As práticas administrativas do First National não eram exatamente rígidas; segundo Smith, era comum funcionários fazerem retiradas de dinheiro e só registrarem a movimentação – *i.e.*, avisar o caixa – vários dias depois. Essa falta de cuidado acabou redundando em uma acusação de fraude contra Porter, que foi demitido do banco.

Enquanto a investigação se desenrolava, Porter passou a trabalhar em tempo integral em um pequeno periódico satírico semanal, criado por ele mesmo, chamado *The Rolling Stone*. A revista falava de pessoas, costumes e política, além de trazer contos da lavra do proprietário. Tamanhos atrativos, porém, não cativaram número suficiente de leitores e o negócio fechou em abril de 1895. Mas a essa altura os textos de Porter já tinham circulado e acabaram por chamar atenção do

diário *Houston Post*, que o contratou no final daquele ano, levando a família, agora acrescida da filha Margaret, a se mudar para lá. No jornal, a popularidade de Porter aumentou, e foi ali também que ele aperfeiçoou a técnica que usaria até o fim de sua trajetória literária: observar, conversar, anotar. As ideias para a coluna no *Post* vinham-lhe ao flunar por *lobbies* de hotéis, restaurantes, locais públicos. Tomava forma assim o arguto comentarista do gesto menor, do olhar furtivo, da intenção apenas insinuada.

Enquanto isso, em Austin, as autoridades concluíram que Porter tinha, sim, culpa no cartório e decidiram prendê-lo. Num primeiro momento, o sogro o socorreu, pagando a fiança. Mas, ao pegar o trem no dia marcado para a audiência no tribunal, em julho de 1896, Porter sentiu um impulso que o empurrava para o Sul e o fez mudar a rota rumo a Honduras – país que coincidentemente não tinha tratado de extradição com os EUA.

Porter passou os seis meses seguintes em um hotel em Trujillo, onde escreveu *Cabbages and Kings* e tentou preparar o terreno para mandar trazer a mulher e a filha, que tinham ficado morando em Austin. Mais uma vez, porém, o destino tinha outros planos: Athol estava muito doente, tuberculosa e sem condições de viajar.

Ao saber do estado da companheira, Porter voltou a Austin e se entregou às autoridades em fevereiro de 1897. Solto sob fiança, paga novamente pelo sogro, o escritor pôde ficar ao lado da mulher até julho daquele ano, quando ela morreu.

O julgamento do caso de fraude terminou em fevereiro do ano seguinte, com a condenação de Porter a cinco anos de prisão, sentença que começou a ser cumprida em março de 1898, na Penitenciária Federal de Ohio. O certificado de técnico farmacêutico permitiu que o escritor trabalhasse no hospital da prisão como responsável noturno pelos medicamentos. Porter tinha direito a um quarto individual na ala médica e, aparentemente, não chegou a passar um dia sequer em cela comum. E teve tempo e paz de espírito para conseguir publicar quatorze contos sob diferentes pseudônimos, mas O. Henry foi o que se tornou mais conhecido, tendo aparecido pela primeira vez na edição de dezembro de 1899 da revista *McClure*. Um amigo do escritor, radicado em Nova Orleans, recebia os contos e os encaminhava para publicação. Ninguém tinha como saber que o autor daqueles textos era um preso cumprindo pena.

O trabalho no hospital somado ao bom comportamento reduziu a sentença de Porter em dois anos, e

ele reencontrou a liberdade em julho de 1901. Seguiu direto para Pittsburgh, onde a filha, Margaret, então com 11 anos, vivia com os avós.

Começava ali, no despertar do século XX, o período mais prolífico do escritor, que logo se mudou para Nova York para se aproximar de seus editores. O. Henry integrou-se rapidamente à metrópole, tornou-se íntimo de suas entranhas e personagens e deu a eles uma voz própria, inédita. E fez isso em apenas oito anos de estada na cidade, os oito últimos de sua curta existência, entre a chegada em 1902 e a morte em 5 de junho de 1910, aos 47 anos, de cirrose.

Atribui-se também a essa fase o aperfeiçoamento da técnica que tornou o escritor especialmente conhecido: os finais inesperados de seus contos, tidos como sua grande contribuição à literatura americana. Mas o final inesperado não chega a ser, mesmo restringindo a análise apenas à estrutura narrativa das histórias, o principal alicerce da excelência formal dos contos. A surpresa da última frase é o ponto de convergência, o ápice, de várias manobras que denotam engenhosidade estrutural e podem ser identificadas ao longo da história toda, iluminando-a desde a primeira sentença. A chacoalhada que o leitor leva ao terminar o texto é um feito meramente

mecânico quando comparado à elaborada manipulação de elementos que o tornou possível. A arquitetura subjacente é tal que o desfecho narrativo já se anuncia no início, jamais some do radar e permeia todas as ações até a frase final, que surge como desdobramento temático e justificativa para a primeira.

Não é, portanto, na surpresa final que se dá a conhecer o domínio técnico de O. Henry, mas na constatação posterior, igualmente inesperada, de que fomos surpreendidos: afinal, olhando para trás, a surpresa era inevitável. A técnica, em si, tem fôlego curto, não gera reflexão. Já se algo permanece após a leitura, esse algo tem a ver com o tema, que foi exposto e colocado em pé com ajuda da técnica, mas não criado por ela. O conto americano é outro depois de O. Henry porque o autor soube, como poucos antes dele, explorar a riqueza e a diversidade de temas sociais. Em suas mãos, diz o biógrafo Smith, o conto se tornou um instrumento de consciência coletiva inédito na cultura americana. Sua característica mais distintiva, estivesse na Carolina do Norte, no Texas, em Honduras ou finalmente em NY, foi saber reagir com sensibilidade aos interesses demasiado humanos de homens e mulheres mergulhados em seus papéis no teatro da vida. A observação minuciosa

e a impressionante capacidade de reproduzir esse *pathos* revelam um interesse em fenômenos sociais que sempre veio em primeiro lugar na sua obra. Contos como “Uma história inacabada”, aqui incluído, em que O. Henry evoca um tema recorrente para descrever as dificuldades de uma vendedora de loja de departamentos explorada pelos patrões, ilustram de modo exemplar esse aspecto: o leitor e futuro presidente Theodore Roosevelt, contemporâneo do escritor e chefe da polícia de Nova York nos primeiros anos do século XX, declarou que essas histórias o influenciaram a se tornar um defensor explícito dos direitos dessas trabalhadoras. Ou ainda o modo como desconstrói o sonho americano em textos como “Dois cavalheiros e o Dia de Ação de Graças” – também parte desta coletânea –, de um lado exaltando os elementos da solidariedade e a importância de dar graças e, de outro, jogando luz sobre uma sociedade em que todos nascem iguais, mas, enquanto uns comem peru, alguns comem frango e outros tantos não comem nada.

Os que conheceram O. Henry pessoalmente o descreviam como um homem de modos gentis, delicadeza no trato, refinamento na fala, bom humor e um certo ar de indiferença, mais charmoso do que ofensivo. O

presente volume abre com a história “*Man About Town* ou Enquadrando o *savoir-faire*”, em que o narrador busca obsessivamente definir um tipo nova-iorquino caracterizado, não por coincidência, por traços muito próximos aos usados no início deste parágrafo para falar do próprio O. Henry: o indivíduo que circula com elegância pela cidade, para o qual não há portas fechadas, é admirado por todos, de policiais a garçons, a quem chama pelo nome, e que está à vontade em qualquer situação. Se não criou a expressão *Man About Town* – sem equivalente em português –, O. Henry ajudou consideravelmente a disseminá-la. O conto é praticamente um verbete que tenta captar todas as nuances semânticas da frase, que acabou por ganhar vida própria na língua inglesa, tendo virado título de filme, nome de revista e termo corrente para designar esse tipo de personagem urbano.

Um último ato, talvez surpreendente e possivelmente inevitável como quase tudo na vida e na obra do escritor, aconteceu postumamente. Em 23 de novembro de 2011, véspera do Dia de Ação de Graças, o presidente americano, Barack Obama, citou O. Henry, mais especificamente trechos do conto “Dois cavalheiros (...)” para anistiar dois perus – chamados Liberdade e Paz

– destinados a serem servidos no tradicional almoço que marca a mais americana das datas comemorativas. Aproveitando a brecha, o professor de ciência política Peter Ruckman e o advogado Scott Henson protocolaram um pedido de perdão póstumo, em setembro de 2012, em nome de William Sydney Porter. Ruckman e Henson acreditam que a acusação de fraude bancária foi mal apurada e, de resto, a contribuição do escritor para a cultura americana já bastaria para garantir uma revisão favorável ao réu. O caso ainda aguarda um desfecho. De onde estiver, O. Henry deve ter lançado olhos curiosos sobre essa movimentação em torno de sua anistia: dois perus que subverteram o ditado e não morreram na véspera, um presidente da República e um escritor de fino trato, todos no mesmo barco? Pode haver uma boa história aí.

Jayme da Costa Pinto é tradutor e intérprete.

*

Nota do tradutor

Os desafios de trazer O. Henry para o leitor brasileiro do início do século XXI não foram poucos; a inestimável ajuda dos colegas tradutores Karen Sotelino e Milton Azevedo, da Universidade da Califórnia em Berkeley, tornou a tarefa menos árdua.

MAN ABOUT TOWN OU
ENQUADRANDO O SAVOIR-FAIRE

Havia duas ou três coisas que eu queria saber. Não gosto de mistérios. Por isso comecei a investigar.

Demorei duas semanas para descobrir o que as mulheres carregam em suas malas de viagem. Então passei a perguntar por que um colchão é feito de duas partes. Essa indagação, ainda que séria, foi recebida em princípio com desconfiança porque soava mais como charada. Por fim me garantiram que a produção em duas partes buscava aliviar o fardo das mulheres que arrumam camas. Fui tolo o bastante para insistir e pedir encarecidamente para saber por que, então, não eram fabricados em duas partes iguais; mas aí me puseram para correr.

O terceiro gole a que eu tanto ansiava na fonte do conhecimento estava relacionado a um personagem conhecido como “*Man about town*”. Era uma figura muito vaga em minha mente, vaga demais. Devemos ter uma ideia concreta de qualquer coisa, mesmo que seja apenas uma ideia imaginária, antes de poder compreendê-la. Tenho uma imagem mental do João-ninguém que é tão clara como uma gravura feita em aço. Seus olhos são de um azul lívido, ele veste colete marrom e casaco preto de sarja brilhante. Está sempre tomando sol e mascando alguma coisa; e não para de abrir e fechar seu canivete de bolso com o polegar. E, se o Homem Superior um dia fosse encontrado, podem acreditar, seria um sujeito grandão, pálido, com pulseiras azuis aparecendo sob o punho da camisa; estará sentado em frente a um engraxate e o som de pinos e boliche caindo será ouvido ao fundo. E estará cercado de pedras preciosas.

Mas a tela da minha imaginação não registrava um traço sequer do *Man about town*. Eu o imagino com uma expressão forçada de escárnio (como o Gato Risonho) e camisa abotoada nos punhos. E só. Assim, pedi ajuda a um repórter de jornal.

“Bom”, ele me disse, “um *Man about town* fica entre um hedonista que pula de bar em bar e um frequentador

de clubes exclusivos. Ele não é exatamente... É alguém que circula entre as recepções na residência da sra. Fish e lutas fechadas de boxe. Ele não faz parte nem do Clube Lotos nem do Grêmio Esportivo e Recreativo Aprendizes de Metalúrgicos Boxeadores Canhotos Jerry McGeoghghan. Não sei exatamente como descrevê-lo, você o encontra em todo lugar onde há algo acontecendo. Suponho que seja mesmo um tipo. Veste-se elegantemente todas as noites; conhece o caminho das pedras; chama todos os policiais e garçons da cidade pelo primeiro nome. Não, ele nunca é visto em companhia de loiras oxigenadas. Geralmente está sozinho ou com outro homem”.

Meu amigo repórter foi embora, mas seguiu investigando. A essa altura, as 3.126 lâmpadas elétricas do Rialto já estavam acesas. Pessoas passavam por mim, mas não prendiam minha atenção. Olhares cortesãos me lançavam ofertas de amor pago e eu seguia incólume. Gente que gosta de jantar fora, gente que quase nunca sai de casa, moças fazendo compras, homens superconfiantes, pedintes, atores, assaltantes, milionários e estrangeiros passavam por mim. Alguns seguiam apressados, saltando obstáculos; outros passeavam, alguns ainda se esgueiravam e havia quem caminhasse com

o queixo empinado. Mas eu não reparava em ninguém. Conhecia todos eles; havia lido o que guardavam no coração, já tinham servido a um propósito. Eu queria mesmo era o meu tipo. Ignorá-lo seria um erro – um erro de tipagem. Não! Continuemos.

E continuemos com uma digressão moral. É gratificante observar uma família que lê o jornal de domingo. O papai destrincha, interessado, a página com imagens de uma jovem se exercitando defronte de uma janela aberta – e a moça está se abaixando. Mas calma! A mãe se ocupa em descobrir as letras que faltam nas palavras N_va Yo_k. As meninas mais velhas leem atentamente a seção de finanças, onde um jovem investidor relatou na semana passada as aplicações que tinha feito na empresa Q, X & Z. Willie, o filho de 18 anos que frequenta a escola pública em Nova York, se entretém com o artigo semanal que descreve como recuperar uma camisa velha. Espera ganhar um prêmio de costura no final do curso.

A vovó segura firme a seção de quadrinhos; e Tottie, o bebê, brinca em cima das páginas de anúncios imobiliários. Essa visão se pretende reconfortante, pois é desejável que se pulem algumas linhas desta história. Ela faz as vezes de introdução para uma bebida forte.

Entrei, assim, num café – e, enquanto o drinque era preparado, perguntei ao homem que retira a colher usada para mexer o uísque quente assim que você a coloca no balcão o que ele entendia pelo termo, epíteto, descrição, designação, caracterização ou denominação “*Man about town*”.

“Bom”, disse com cuidado, “é um sujeito que está por dentro de tudo, é admirado e transita pela noite como ninguém, sabe? Sempre por cima, nunca será visto nos cafundós das montanhas Flatirons, entende? Acho que é isso que significa”.

Agradei e saí.

Na calçada, uma mocinha do Exército da Salvação chacoalhou a canequinha de contribuições na altura do bolso do meu casaco.

“Você saberia me dizer”, perguntei, “se já deparou com o personagem comumente chamado de ‘*Man about town*’ em suas andanças diárias por aí?”

“Acho que sei de quem está falando”, respondeu, sorrindo. “Nós os vemos nos mesmos lugares toda noite. São os guarda-costas do diabo. Se os soldados de um exército qualquer forem tão fiéis quanto eles, os comandantes estarão muito bem servidos. Nós os abordamos e conseguimos colocar alguns daqueles centavos sujos a serviço do Senhor.”

Ela chacoalhou a caneca mais uma vez, joguei uma moeda. Em frente a um hotel estrelado, um amigo meu, crítico, descia do táxi. Parecia sem pressa, então fiz a pergunta. Ele me respondeu de forma meticulosa, como imaginei.

“Existe um tipo assim em Nova York”, disse. “O termo me é bastante familiar, mas acho que nunca me pediram para definir esse personagem. Seria difícil apontar para você um espécime exato. Eu diria, assim sem pensar muito, que se trata de um homem que sofre daquela doença nova-iorquina muito particular, que faz com que a pessoa queira ver e conhecer tudo. Às 6 da tarde a vida começa para ele. Segue rigidamente as regras de se vestir e se portar; mas no setor ‘meter o nariz onde não é chamado’ poderia dar aula a um gato ou a uma gralha. É o homem que percorreu a Bohemia, em Nova York, de cima a baixo, passando por tavernas subterrâneas e topos de edifícios, pela Hester Street e pelo Harlem para dizer que é impossível encontrar um lugar na cidade onde não usem faca para cortar espaguete. Esse tipo, esse sr. Savoir-Faire, fez tudo isso. Está sempre farejando algo novo. É a personificação da curiosidade, do despudor, da onipresença. Carruagens de aluguel foram criadas por sua inspiração, assim como charutos

com anilhas douradas e a maldição da música durante o jantar. Não existem muitos como ele, mas seus modos são adotados em todo canto.

“Fico feliz que tenha tocado no assunto; já senti a influência maligna dessa figura noturna em nossa cidade, mas nunca pensei em analisá-la. Percebo agora que o seu tipo deveria ter sido classificado há muito tempo. Em seu rastro surgiram agentes de vinhos e novos modelos de casaco; e a orquestra toca *Let’s All Go Up to Maud’s* para ele, a pedidos, em vez de Händel. Ele faz a ronda toda noite, enquanto você e eu arriscamos algo diferente só uma vez por semana. Quando a tabacaria é arrombada, ele dá uma piscadela para o guarda, como quem sabe onde pisa, e deixa a cena calmamente. Já você e eu vasculhamos a carteira, em busca de nomes dentre os presidentes que estampam as notas, e miramos o céu em busca de endereços para fornecer ao sargento de plantão.”

Meu amigo, o crítico, pausou para recobrar o fôlego e a eloquência. Aproveitei a chance.

“Você acaba de classificá-lo”, gritei satisfeito. “Traçou um retrato que o coloca na galeria de tipos da cidade. Mas preciso encontrar um desses pessoalmente. Preciso estudá-lo em primeira mão. Onde poderei encontrá-lo? Como saberei identificá-lo?”

Aparentemente sem ouvir o que eu dissera, o crítico continuava. E o taxista esperava o pagamento também.

“Ele é a essência sublimada do Atrevimento; o extrato refinado e intrínseco da Desenvoltura; o espírito concentrado, purificado, irrefutável e inescapável da Curiosidade e do Questionamento. Novas sensações são como oxigênio em suas narinas; quando seu experimento se esgota, ele passa a explorar novos campos com a infatigabilidade de um...”

“Perdão”, interrompi, “mas pode me apresentar um tipo desses? É algo novo para mim. Preciso estudá-lo. Vou procurar pela cidade toda até encontrar. Seu *habitat* deve ser aqui mesmo, na Broadway”.

“Vou jantar aqui”, respondeu meu amigo. “Entre comigo; se houver um exemplar no recinto, aponto para você. Conheço a maioria dos fregueses aqui.”

“Não vou jantar ainda”, disse. “Peço licença. Vou encontrar o meu *‘Man about town’* esta noite, nem que tenha que varrer Nova York de Battery a Coney Island.”

Deixei o hotel e caminhei pela Broadway. A busca pelo meu tipo deu um agradável sopro de vida e interesse ao ar que eu respirava. Eu me sentia feliz por estar em uma cidade tão grande, complexa e diversificada. Sem pressa e com certa arrogância, eu andava sentindo

meu coração bater forte por ser um cidadão da grande Gotham, por compartilhar da magnificência e dos prazeres da cidade, por aproveitar sua glória e prestígio.

E me virei para atravessar a rua. Ouvi um zumbido que lembrava uma abelha e, então, fiz um longo e gostoso passeio com Santos Dumont.

Quando abri os olhos, lembrei de um cheiro de gasolina e perguntei: “Não passou ainda?”

Uma enfermeira do hospital colocou a mão não especialmente macia na minha frente, que não estava febril. Um jovem médico apareceu, sorriu e me passou o jornal do dia.

“Quer ver o que aconteceu?”, perguntou, animado. Li a reportagem. O título começava exatamente no ponto em que deixei de ouvir o zumbido na noite anterior. E o texto terminava assim:

“(...) Hospital Bellevue, onde se constatou que os ferimentos não eram graves. Parecia ser um típico *Man about town.*”